

REVELANDO OS ESFORÇOS DE PAZ DA NIGÉRIA DURANTE O SEGUNDO CICLO DO CONFLITO LIBERIANO

Segun Oshewolo¹

Introdução

A Nigéria pós-colonial tornou-se uma importante protagonista na prevenção, gestão e resolução de conflitos internacionais. As operações de paz representam um componente importante da política externa geral da Nigéria, que enfatiza o interesse nacional, a paz mundial, a amizade e a cooperação. A participação da Nigéria em operações internacionais de paz começou oficialmente na independência, quando o país participou da missão de paz do Congo sob a égide da Organização das Nações Unidas (ONU) (Obasanjo 2007; Akintola 2007; Agbu 2007). Desde então, a Nigéria tem estado envolvida nos vários níveis das operações internacionais de paz. Estes incluem desdobramentos sob as plataformas da ONU, Organização da Unidade Africana/ União Africana (OUA/UA), Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) e do Grupo de Monitoramento da CEDEAO (ECOMOG), e outros acordos bilaterais. A Nigéria participou dos processos de paz no Líbano, Chade, Angola, Namíbia, Camboja, Iugoslávia, Somália, Ruanda, Libéria, Serra Leoa, entre outros (Alli 2012). Ao longo dos anos, “a Nigéria empregou forças de várias intensidades, desde missões de observadores geralmente compostas por poucos homens e unidades menores, a batalhões e forças do tamanho de divisões” (Oluyemi-Kusa, 2012, p. 137).

Conforme explicado por Akintola (2007, p. 77), o papel da Nigéria nas operações internacionais de paz “mudou qualitativamente de um participante para um iniciador”. A razão é que o país aparece não apenas como proemi-

¹ Professor no Departamento de Ciência Política e Relações Internacionais, Landmark University, Omuaran, Nigéria. Publicou amplamente em suas áreas de interesse de pesquisa que incluem política externa e diplomacia, democratização, política ambiental e estudos de gênero. Seus artigos recentes foram publicados na *The Round Table* e na *African Identities* - ambas revistas indexadas pela Scopus. E-mail: segunoshewolo@yahoo.com

nentemente nas operações de paz da ONU, mas também conseguiu ser bem sucedido em liderar as operações de paz na África ao mobilizar outros países da região. As missões de paz da Nigéria na África normalmente envolvem mediadores, a força policial nigeriana e membros das forças armadas (Gbor 2007; Musa 2010). O Exército Nigeriano, como um componente das Forças Armadas da Nigéria, “tem carregado o maior fardo das operações de paz para as quais a Nigéria, e por extensão os militares nigerianos, foi convidada desde a independência do país em 1960” (Gorb 2007, p. 61). Na África, a abordagem da Nigéria para a segurança regional tem sido amplamente influenciada pela definição de seu papel nacional nas relações internacionais continentais. A partir da concepção deste papel, os líderes políticos nigerianos entendem o país como um líder natural na África, com a responsabilidade de promover e proteger os interesses do continente (Alli 2012; Oshewolo 2018; Saliu & Oshewolo 2018). Além disso, acredita-se que a segurança da Nigéria esteja ligada a de outros estados africanos fundamentalmente por conta de ligações culturais e históricas (Alli 2012).

Após o encerramento da missão na Libéria, em 30 de março de 2018, depois de 15 anos de implantação e o reconhecimento do presidente Olusegun Obasanjo como ator principal nos esforços de estabilização na região, é importante realizar um estudo sobre o papel desempenhado pela Nigéria no processo de paz da Libéria sob as bandeiras da Missão das Nações Unidas na Libéria (UNMIL) e da Missão da CEDEAO na Libéria (ECOMIL). Após anos de ditaduras militares e a conseqüente desorientação da diplomacia africana na Nigéria, o surgimento do presidente Obasanjo, em 29 de maio de 1999, como líder democraticamente eleito, conduziu o país a uma nova era de renascimento diplomático na África. Sua administração deveria oxigenar a diplomacia africana e fazer contribuições significativas para encarar os desafios de segurança enfrentados pelo continente.

A Libéria - vizinha oeste-africana da Nigéria - foi um dos países que passou por convulsões políticas internas na época. Considerando o desejo do presidente Obasanjo - expresso através dos seus discursos de política externa - de abordar as preocupações de segurança da África, este estudo foi desenhado para examinar a eficácia das campanhas de paz da Nigéria durante o segundo ciclo do conflito na Libéria. Para realizar essa tarefa, o trabalho adotou as fontes secundárias e a técnica de entrevista para fins de coleta de dados. Os informantes-chave foram selecionados usando o procedimento de amostragem intencional². O método de análise de dados é a análise temática descritiva.

2 Os informantes-chave do estudo incluem o Embaixador (Professor) Akinjide Osuntokun (Assessor Honorário de Política Externa do presidente Olusegun Obasanjo e membro do Conselho Assessor Presidencial de Relações Internacionais), Embaixadora (Professora) Alaba

A Retórica de Paz do Presidente Obasanjo na África

Para dar sentido aos esforços de paz da Nigéria na África sob o presidente Olusegun Obasanjo, o estudo concentrou-se em alguns de seus discursos de política externa enquanto estava no cargo. Esses discursos ofereceram informações valiosas sobre a posição de política externa do presidente em relação à África. O uso de ornamentação verbal por um líder, particularmente por meio de discursos de política externa, é sugestivo de suas convicções e idiossincrasias sobre como o governo ou as relações internacionais devem ser organizadas. Embora as evidências históricas possam sugerir que o que os líderes “dizem” nem sempre se traduz no que “fazem”, os discursos do líder e as opiniões expressas através deles são amplamente consideradas como o reflexo oficial da política nacional. Eles também são, em grande parte, um bom indicador de posições de política externa (Fawole 2000; Oshewolo 2018). Por meio dos seus discursos em fóruns africanos e extra-africanos, o presidente Obasanjo expressou claramente o compromisso da sua administração com a paz e a estabilidade da África. Portanto, um componente importante da diplomacia africana da Nigéria sob Obasanjo foi a promoção da paz e estabilidade (agosto de 2016; Fawole 2016; agosto de 2016; Ajayi 2016; Osuntokun 2016).

Pouco depois de sua posse como presidente da Nigéria, em 1999, Obasanjo descreveu a África como um continente devastado por conflitos, onde o som das armas era mais audível do que a voz da razão. Ele deixou claro para outros líderes africanos que seria moralmente repreensível ficar de braços cruzados e permitir que as pessoas continuassem a sofrer por conta desses problemas (Obasanjo, 1999). Durante a cúpula do milênio das Nações Unidas em Nova York, no ano 2000, Obasanjo expressou sua repulsa pela persistência de conflitos no continente. Ele observou que esses conflitos foram muito devastadores, resultando na destruição de vidas e infraestrutura básica, tendo efeitos deletérios sobre os membros mais fracos da sociedade, como crianças e mulheres (Obasanjo, 2000a). Em outro fórum, Obasanjo observou que, de todos os problemas enfrentados pelo continente, o mais intratável foi a proliferação de conflitos internos. Eles impuseram pesados custos sociais e econômicos aos governos, criaram o ônus dos fluxos de refugiados, interromperam as atividades

Ogunsanwo (Departamento de Relações Internacionais, Lead City University) , Ibadan, Estado de Oyo), Capitão Sadeeq Garba Shehu (Ministério da Defesa da Nigéria e Comissão da UA, Adis Abeba, Etiópia), Embaixador Jaiyeola Joseph Lewu (Embaixador aposentado e principal ator nos processos de paz na África Ocidental sob o presidente Obasanjo), Professor Osisioma Nwolise (Departamento de Ciência Política, Universidade de Ibadan), Professor Alade Fawole (Departamento de Relações Internacionais, Universidade Obafemi Awolowo, Ife), Professor Solomon Akinboye (Departamento de Ciência Política, Universidade de Lagos), Professor Kunle Ajayi (Departamento de Ciência Política) , Ekiti State University, Ado-Ekiti).

econômicas e os fluxos de investimento devido ao clima geral de medo associado aos conflitos (Obasanjo, 2000b).

O presidente Obasanjo sustentou que as nações da África não poderiam se desenvolver se os conflitos internos não fossem adequadamente administrados. Ele observou que os problemas de segurança e estabilidade prejudicariam a capacidade das nações africanas de alcançar a integração e a transformação socioeconômica (Obasanjo, 1999). Para ele, a paz não era apenas vital para a cooperação interestatal; era também uma condição essencial para o desenvolvimento (Obasanjo 2000b). Ao proferir seu discurso de aceitação após sua eleição como presidente da União Africana em 2004, destacou que enfrentaria de corpo e alma as situações de conflito na África, com vigor e determinação renovados (Obasanjo 2004).

Novamente, depois de ceder a Península Bakassi a Camarões após o julgamento da Corte Internacional de Justiça (CIJ), o presidente Obasanjo sustentou que a Nigéria honrava o julgamento da CIJ, para promover a paz, segurança e estabilidade, a despeito de forte oposição dentro do país. Com essa decisão singular, ele afirmou que a Nigéria ensinara uma lição para a África e o mundo. A Nigéria havia demonstrado a possibilidade de resolver, sem guerras, um difícil problema de fronteira. Havia demonstrado valores de adaptação, tolerância, diálogo e compromisso com a paz (Obasanjo 2006). Devido à boa vizinhança e ao papel de irmão mais velho na sub-região da África Ocidental, a administração do presidente Obasanjo estava ainda mais preocupada com esta situação de segurança (Alli 2012; Oshewolo 2018). Para examinar a eficácia dos esforços de paz de sua administração na África, o estudo se concentrou no vizinho oeste-africano da Nigéria - a Libéria.

O Segundo Ciclo do Conflito Liberiano

A primeira guerra civil liberiana começou em 1989. Em resposta ao conflito, o presidente Babangida enviou “tropas nigerianas para lá, sendo elas a parte principal de um Grupo de Monitoramento da CEDEAO (ECOMOG) para acabar com a guerra entre o regime do presidente Samuel Doe e os rebeldes liderados por Charles Taylor”. Após a morte de Doe e o controle de grande parte do país por Taylor, a Nigéria foi “obrigada a aceitar uma eleição presidencial”, na qual Taylor obteve a maioria dos votos (Lliffe 2011, p. 218). Portanto, a rebelião contra o regime opressivo de Samuel Doe terminou com a eleição de Charles Taylor (um ator principal na guerra) como presidente da Libéria, em 6 de agosto de 1997. O fato de Taylor (o líder das forças rebeldes da Frente Patriótica Nacional da Libéria - FPNL) ter participado da eleição e saído vitorioso confirmou a neutralidade e imparcialidade da força de manu-

tenção da paz do ECOMOG liderada pela Nigéria na Libéria. Ele não só foi autorizado a ganhar a eleição e empossado como presidente, como também foi protegido pelas mesmas tropas do ECOMOG que atacou durante a guerra. Esta foi uma demonstração de um alto padrão moral na manutenção da paz internacional (Nwolise 2007).

As diversas narrativas que fornecem explicações para o primeiro ciclo do conflito receberam uma cobertura considerável na literatura (Johnson Sirleaf, 1991; Munive, 2011; Kieh, 2012; Call, 2010; Boas, 2014). O foco deste estudo, entretanto, está no segundo ciclo da guerra, que começou em 21 de abril de 1999. A celebrada paz que conduziu à vitória eleitoral de Charles Taylor por uma maioria de votos de 75% em uma eleição relativamente livre e justa logo entrou em colapso como um castelo de cartas (Call 2010). Na posse do presidente Olusegun Obasanjo como líder da Nigéria, em 29 de maio de 1999, a segunda guerra civil liberiana havia durado apenas 39 dias. Portanto, recaiu sob governo de Obasanjo o ônus para restaurar a paz na Libéria, devastada pela guerra (Fawole 2016). Kieh (2009, p.8) ofereceu um contexto conciso para a segunda guerra civil liberiana. Em sua proposição;

A guerra começou com ataques armados lançados por uma milícia soviética, os Liberianos Unidos pela Reconstrução e Democracia (LURD). O grupo era um amálgama de membros de algumas das antigas milícias envolvidas na primeira guerra civil da Libéria, membros descontentes da antiga Frente Patriótica Nacional da Libéria (FPNL), liderada por Taylor, e capitalistas em tempo de guerra com interesses na acumulação privada de capital. O LURD lançou seus ataques da Guiné, vizinho da Libéria ao norte... Em março de 2003, o âmbito da guerra foi ampliado quando o Movimento para a Democracia na Libéria (MODEL), uma organização substituta do LURD, se juntou à guerra contra Taylor. O MODEL lançou seus ataques armados da Costa do Marfim, o vizinho oriental da Libéria.

O autor também identificou os fatores que precipitaram a crise. Os fatores imediatos, das correntes subjacentes à crise relacionavam-se ao desempenho miserável de Charles Taylor no cargo. Isso se refletiu na convergência de questões como “bode expiatório étnico”, repressão política e mal-estar econômico. Então, novamente, os fatores contingentes foram necessários, mas não condições suficientes para que a crise ocorresse. Estes incluíram a incapacidade de desarmar, desmobilizar, reabilitar e reintegrar adequadamente os ex-combatentes na sociedade mais ampla; o fracasso em empreender uma reforma significativa do setor de segurança; e a recusa da administração Taylor em iniciar o processo de abordar as causas subjacentes da primeira guerra civil (Kieh 2009). Conforme articulado por Yoroms (2005), esses grupos re-

beldes também acreditavam que Taylor não venceu a eleição de forma justa. Eles alegaram que Taylor saiu vitorioso devido a um acordo especial com a CEDEAO.

Explicando ainda mais os precipitadores, George (2012) observou que Charles Taylor não conseguiu utilizar sua eleição como presidente para se transformar de senhor da guerra em chefe de Estado responsável. O pensamento, inicialmente, era de que a eleição de Taylor ofereceria oportunidades para a paz. Esperava-se que a vitória eleitoral de Taylor - que era um ator principal na crise - pusesse fim ao conflito e permitisse ao ECOMOG completar as tarefas finais de desarmar, desmobilizar, treinar, reorganizar e reintegrar os rebeldes nas forças armadas liberianas. Essas oportunidades foram, no entanto, desperdiçadas (Yoroms 2005). Ele se envolveu em malandragens políticas, forneceu apoio a rebeldes e dissidentes em Serra Leoa e Guiné, principalmente para incrementar seu comércio ilegal de diamantes e, por isso, tornou-se o locus do conflito na região do rio Mano (Gambari 2005; George 2012; Nwolise 2016). Taylor demonstrou que sua intenção não era apenas governar a Libéria, mas também controlar regimes na extensão do rio Mano e construir um império para si na região (Yoroms, 2005). A combinação dos fatores imediatos e contingentes tornou inevitável a regressão da Libéria ao abismo da guerra. Pode ser difícil lembrar agora, mas a guerra de Taylor (sua dissidência durante o primeiro ciclo da crise e sua violenta opressão durante o segundo ciclo) foi brutal e produziu um imenso desastre humanitário (Lizza 2005).

As Motivações para a Intervenção

As fontes de dados revelaram que o governo do presidente Olusegun desempenhou um papel significativo no restabelecimento da paz na Libéria (Nwolise 2016; Fawole 2016; Ajayi 2016; Shehu 2018; Lewu 2018). Embora a intervenção da Nigéria tenha definido enormemente o resultado do conflito na Libéria, deve-se notar que o governo do presidente Obasanjo foi inicialmente cauteloso ao enviar tropas nigerianas. Essa atitude pode ser explicada. A Nigéria, no início, estava pouco disposta a mobilizar tropas devido ao enorme custo acumulado para o país durante o primeiro ciclo da guerra, sem o apoio do Ocidente e a perda de centenas de soldados nigerianos, o que tornou a intervenção socialmente impopular (BBC News, 4 de agosto de 2003; Shehu 2018).

Mais uma vez, apesar do papel estabilizador do ECOMOG na Libéria, Taylor recusou-se a honrar o mandato e permitir que o ECOMOG permanecesse na Libéria para realizar a reorganização do pós-guerra dos militares

liberianos (Lewu 2018). Depois que ele se tornou presidente, ordenou que o ECOMOG saísse da Libéria e o ECOMOG, liderado pela Nigéria, partiu sem cumprir a missão final do processo de manutenção da paz (Yoroms, 2005). A expressão de desaprovação de Taylor pela permanência do ECOMOG na Libéria levou à saída do último lote de tropas nigerianas do grupo, em 1999. Estas tropas - cerca de 60 - chegaram ao aeroporto de Abuja em outubro de 1999 e foram recebidas por Dupe Adelaja - Ministro de Estado da Defesa da Nigéria - e outros oficiais superiores do exército (Independent Online, 1999). A atitude de Taylor, portanto, adiou inicialmente o interesse do presidente Obasanjo na segunda guerra civil da Libéria (Yoroms 2005). Obasanjo também foi da opinião de que a comunidade internacional tinha o dever de intervir na Libéria. Como tal, o conflito não foi um problema a ser resolvido apenas pela CEDEAO (Yoroms 2005). No entanto, como a situação durante a segunda guerra civil liberiana se degenerou e a comunidade internacional não conseguiu intervir, a Nigéria foi forçada a responder enviando o primeiro grupo de tropas para apoiar os esforços de mediação, impedir um desastre humanitário e a disseminação do conflito para os Estados vizinhos, que já estavam sobrecarregados com um fluxo constante de refugiados oriundos da guerra civil (Dukule 2005; Obi 2009; Lewu 2018; The Liberian Connection, nd). Apesar da atitude cautelosa da Nigéria em relação às operações de paz na Libéria, a intervenção do presidente Obasanjo ainda era considerada muito imperativa por uma série de razões.

Em termos das motivações para a intervenção do presidente Obasanjo, George (2012, p. 381) observou que a crise na Libéria era “uma ameaça e um desafio à estabilidade política, paz e segurança da sub-região”. Explicando ainda mais o contexto, Fawole (2016) observou que, se a Nigéria não se envolvesse, isso significaria que os primeiros sete anos de sacrifício da Nigéria em mão-de-obra, recursos e diplomacia durante o primeiro ciclo da guerra teriam sido desperdiçados. Isso é o que Shehu (2018) chamou de teoria dos “custos irrecuperáveis”. Uma vez que muitos recursos humanos e financeiros haviam sido dispendidos na Libéria na época em que Obasanjo assumiu a liderança, era imperativo e lógico fazer esforços para tirar Taylor do poder no interesse da paz. Novamente, como os realistas argumentariam, o governo do presidente Obasanjo se envolveu na crise para demonstrar a posição de liderança da Nigéria ou o papel hegemônico na sub-região da África Ocidental. Em outras palavras, a crise na Libéria ofereceu à Nigéria a oportunidade de projetar suas capacidades militares e diplomáticas na sub-região. A intervenção teve mais a ver com a imagem de Obasanjo como um grande líder, seu desejo de deixar uma marca indelével na história da Nigéria, e as aspirações do exército nigeriano para melhorar seu status e valor como um ativo nacional e sub-regional

(Obi 2009). Como argumentado por Uba (2016), a Nigéria usou as plataformas da ECOMIL e da UNMIL para demonstrar suas credenciais de liderança na África e status diplomático dentro da comunidade internacional. A intervenção na Libéria pela administração civil de Obasanjo também foi justificada com base na promoção de “soluções africanas para problemas africanos” (Obi 2009, p. 122).

Os Esforços de Mediação e Manutenção da Paz na Libéria pela Nigéria

Em termos de forma, a intervenção da Nigéria na Libéria oscilou entre a mediação e a manutenção da paz. Os esforços de mediação da Nigéria - que culminaram na assinatura final de um acordo de paz abrangente em 2003 - envolveram principalmente o presidente Obasanjo e o mediador especial que ele nomeou, General Abdulsallam Abubakar (Alli 2012; George 2012; Fawole 2016; Ajayi 2016). O presidente Olusegun Obasanjo destacou os recursos diplomáticos da Nigéria para suspender todas as ações militares ofensivas entre facções em guerra e levá-las a um acordo negociado. Alguns dos informantes-chave observaram que a resiliência do presidente Obasanjo, que encontrou expressão em sua diplomacia de cessar-fogo, caracterizou todo o processo de paz. A Nigéria facilitou com sucesso a saída de Taylor do poder, supervisionou o abrangente acordo de paz, ofereceu a Taylor um asilo temporário na Nigéria e apoiou as eleições de 2005 pós-conflito (Osuntokun 2016; Fawole 2016; Nwolise 2016; Lewu 2018). Em março de 2002, como parte dos esforços de mediação da Nigéria, Abuja organizou uma Reunião Preparatória para a Conferência de Reconciliação Nacional da Libéria (LNRC). A reunião foi concebida como uma assembleia de funcionários do governo, líderes rebeldes e grupos da sociedade civil da Libéria para fortalecer os esforços do país, e como um precursor da Conferência de Reconciliação de Todos os Liberianos, agendada para ser realizada em Monróvia no final do ano. A reunião contou com a presença do presidente Olusegun Obasanjo, do representante de Abdoulaye Wade (presidente da CEDEAO), do Dr. Mohamed Ibn Chambers (Secretário Executivo da CEDEAO) e de outras figuras notáveis (The Perspective 2002; George 2012).

A reunião foi, no entanto, marcada pela ausência do presidente Taylor e outros líderes rebeldes. A Nigéria forneceu uma aeronave para levar os funcionários do presidente Taylor para Abuja; ele, contudo, se mostrou indiferente à oferta. A atitude morna de Taylor pode ser explicada. Taylor e seus funcionários erroneamente acreditavam que a Nigéria estava por trás das sanções

internacionais contra a Libéria. Sim, para apresentar um projeto de resolução para punir as sanções internacionais contra Taylor e a Libéria, o Alto Comissariado Britânico e o agente diplomático dos Estados Unidos, respectivamente, visitaram o Embaixador Olufemi Oyewole George em seu escritório para solicitar o apoio da Nigéria. Contudo, a Nigéria e outros membros da CEDEAO se mostraram preocupados em apoiar a proposta, optando por convencer Taylor a lidar com os seus erros políticos como uma questão de urgência (George 2012). Apesar da ausência de Taylor, o diálogo foi significativo na medida em que marcou claramente as condições pertinentes que deveriam ser satisfeitas antes que uma reconciliação genuína pudesse ser alcançada. Essas condições incluíam o estabelecimento de um cessar-fogo entre as partes beligerantes, o monitoramento efetivo do aparato de segurança nacional, a desmobilização, reabilitação e reintegração de dissidentes, e a criação de mecanismos eficazes para lidar com atos de impunidade (The Perspective, 2002).

À medida que a situação de segurança na Libéria se deteriorava, a CEDEAO continuou a sua intermediação, organizando outra rodada de conversações de paz em Acra, em 4 de junho de 2003, com o apoio da Nigéria e da comunidade internacional. Antes da cerimônia de abertura, os Chefes de Governo da CEDEAO presentes realizaram uma discussão privada com Taylor, durante a qual ele foi francamente repreendido. Após a discussão, Taylor declarou que estava pronto para abandonar o poder caso estivesse obstruindo o processo de paz (George 2012). Durante as negociações que se seguiram, o presidente Obasanjo enviou o general Abdulsallam Abubakar, ex-chefe de Estado nigeriano, o mediador especial apoiado por delegados da ONU, da UA e dos Estados Unidos, entre outros (Alli 2012). O general Abdulsallam Abubakar foi fundamental para alcançar o acordo de paz em Acra (Dukule 2005). Embora um acordo de cessar-fogo tenha sido firmado em 17 de junho de 2003, isso acabou quando as forças rebeldes entraram na capital, Monróvia, e novamente houve uma regressão à violência. Por conta disso, a CEDEAO, em uma cúpula em Dakar, em 2 de julho de 2003, decidiu mobilizar uma força militar da CEDEAO para restaurar a paz e facilitar a transferência de poder por parte de Taylor. Novamente, em 17 de agosto de 2003, as Nações Unidas autorizaram o estabelecimento de uma força multinacional na Libéria (Gambari 2005; George 2012).

Antes da chegada das tropas de paz da ONU, a Nigéria enviou 300 soldados para a Libéria, em 4 de agosto de 2003 (o que foi posteriormente aumentado para 1.500 soldados nigerianos sob a bandeira da ECOMIL) para servir como uma força de estabilização, separar as forças beligerantes e apoiar os prestadores de ajuda humanitária. Como uma força de vanguarda, a ECOMIL não deveria se envolver na execução, mas sim guiar ou manter a paz

(Morgan 2003; The Perspective 2003; The Liberian Connection nd; Yoroms 2005; Alli 2012). Enquanto a força das tropas da ECOMIL estava um pouco acima de 3.000, a Nigéria contribuiu com cerca de metade. Outras tropas vieram do Senegal, Mali, Benin, Gana, Gâmbia, Guiné-Bissau e Togo. Mais uma vez, os oficiais nigerianos receberam responsabilidades de liderança na ECOMIL. Enquanto o brigadeiro-general Festus Okonkwo serviu como comandante da força da ECOMIL, o Coronel Mark Nyoyoko estava encarregado das operações (BBC News, 9 de setembro de 2003; CNN International, 2 de agosto de 2003; The Liberian Connection, nd; the Perspective 2003; United Nations 2005 Uba 2016).

Além disso, profundamente preocupado com o crescente conflito na Libéria, o Conselho de Segurança da ONU (CSNU), em sua 4803^{ff} reunião, em 1 de agosto de 2003, adotou a Resolução 1497, autorizando o envio de uma força multinacional na Libéria. Enquanto 12 países votaram a favor da Resolução, nenhum votou contra. A França, a Alemanha e o México abstiveram-se na votação. A resolução descreveu a situação na Libéria como uma ameaça à paz internacional e à estabilidade na África Ocidental e, portanto, autorizou a criação de uma força multinacional para apoiar a implementação do acordo de cessar-fogo de 17 de junho de 2003 e ajudar a manter a segurança na Libéria pós-Taylor (Conselho de Segurança das Nações Unidas 2003a; CNN International, 2 de agosto de 2003; Gambari 2005). Mais ainda, a fim de prover apoio adequado para assistência humanitária e de direitos humanos, reforma de segurança e implementação do processo de paz, o Conselho de Segurança da ONU, em sua 4830^{ff} reunião, em 19 de setembro de 2003, adotou a Resolução 1509, que estabelece a Missão da ONU na Libéria. (UNMIL).

Em cumprimento ao pedido do Conselho de Segurança da ONU, o Secretário Geral da ONU transferiu a autoridade da ECOMIL para a UNMIL, em 1 de outubro de 2003, e as tropas foram transportadas para as forças de paz da ONU (Conselho de Segurança das Nações Unidas 2003b; Gambari 2005). Mesmo sob a bandeira da UNMIL, os contingentes nigerianos permaneceram muito ativos e foram considerados a face da missão (Uba 2016). Um nigeriano, tenente-general Joseph Olorunbon Owonibi, que tinha sido o vice-comandante da força e observador militar chefe da UNMIL desde novembro de 2003, também foi nomeado em 2005 como Comandante da Força da UNMIL pelo Secretário Geral (Nações Unidas 2005).

A campanha de paz da Nigéria na Libéria foi aplaudida tanto pelo povo da Libéria como pela comunidade internacional (Nwolise 2016; Ajayi 2016). Devido ao escalonamento do conflito e ao fracasso da comunidade internacional em intervir cedo, o primeiro grupo de tropas nigerianas enviadas para a Libéria foi calorosamente recebido pelos moradores da capital, Monróvia. A

presença das tropas nigerianas de paz proporcionou o tão necessário socorro, à medida que se aprofundava o confronto militar entre as forças do governo e os grupos rebeldes (Dukule 2005; *The Liberian Connection*, nd). Mais uma vez, a intervenção da Nigéria foi significativa na formação da resposta internacional ao conflito da Libéria. A participação inicial da Nigéria abriu caminho para o estabelecimento da UNMIL. Sem esse trabalho preparatório das tropas nigerianas, teria sido difícil obter o consenso necessário no Conselho de Segurança para que a UNMIL fosse implantada na Libéria (*African Leadership Magazine* 2016; Uba 2016). Em resposta à calorosa percepção pública do papel dianteiro da Nigéria na Libéria sob o presidente Obasanjo, tanto a ECOMIL como a UNMIL foram comandadas por nigerianos.

Durante o período, enquanto o contingente de tropas da UNMIL era de 14.824, de 49 países contribuintes (UNMIL 2015), os contingentes nigerianos de manutenção da paz constituíam a maior parte. O major-general Salihu Zaway Uba, comandante da Força da ONU na Nigéria, observou que a Nigéria enviou 37 batalhões de infantaria, 13 unidades de sinalização, 21 unidades policiais formadas, vários observadores militares, a polícia das Nações Unidas, voluntários das Nações Unidas e pessoal civil internacional à UNMIL. Uba (2016, p. 9). Os contingentes nigerianos desempenharam papel estabilizador na Libéria. O grupo nigeriano de manutenção da paz facilitou a consolidação do processo e construção da paz; forneceu assistência humanitária e de desenvolvimento por meio de campanhas médicas, apoio pedagógico e doação de livros a orfanatos; forneceu proteção executiva para o presidente e vice-presidente da Libéria e outros importantes funcionários do governo desde 2003; além de escolta do dinheiro, segurança do máximo de instituições correcionais, proteção para o aeroporto principal e patrulhamento urbano (Uba 2016).

O Asilo do Presidente Taylor na Nigéria e os Problemas

Em consonância com a decisão anterior de Taylor de renunciar ao cargo durante uma reunião com os líderes da CEDEAO, juntamente com a insistência da Nigéria e dos Estados Unidos para que o presidente renunciasse, Taylor finalmente se retirou e entregou o poder ao seu vice-presidente, como consagrado na Constituição da Libéria, em 11 de agosto de 2003 (George 2012). Enquanto alguns observadores internacionais queriam que Taylor se apresentasse imediatamente perante a Corte para ser processado (Lizza 2005), o governo do presidente Obasanjo sugeria a ideia de conceder-lhe asilo (Fawole 2016; Nwolise 2016; Ajayi 2016). A saída de Taylor do poder e sua aceitação da oferta de asilo por parte da Nigéria - que pôs fim à carnificina

na Libéria - culminou em um Acordo de Paz Abrangente, assinado em 18 de agosto de 2003, em Acra, após 75 dias de negociação. O Acordo de Paz devolveu a Libéria ao caminho da paz, providenciando o estabelecimento de um Governo Nacional de Transição, que substituiria o Governo Provisório (União Africana 2004; Alli 2012; George 2012).

Ao acolher Taylor na Nigéria, apesar do peso de tal movimento, Nwolise (2016) observou que o presidente Olusegun Obasanjo estava projetando o papel de “big brother” da Nigéria na África. Fawole (2016) afirmou que foi a combinação da estatura global do presidente Obasanjo com a própria seriedade da Nigéria que convenceu Taylor a aceitar o asilo. O asilo de Taylor foi bem recebido por Bush, então presidente dos Estados Unidos. O embaixador americano na Nigéria durante o período, Howard Jeter, informou ao Congresso em 2004 que a Nigéria agiu com pleno conhecimento e concordância dos Estados Unidos (Lizza 2005; Morgan 2003; Alli 2012). Explicando por que os Estados Unidos apoiaram a medida da Nigéria, Lizza (2005) observou, ainda, que os oficiais de carreira que dominavam o Departamento de Assuntos Africanos do Departamento de Estado tinham uma visão a respeito da África Ocidental centrada na Nigéria. Naquela época, o país era uma fonte crescente de petróleo para os Estados Unidos e as forças militares da Nigéria eram necessárias para fins de manutenção da paz em todo o continente.

O asilo de Taylor gerou alguns problemas. Enquanto alguns queriam julgamento imediato, o presidente Obasanjo não estava disposto a tal ideia (Nwolise 2016). Seu pensamento era que “entregar Taylor à corte especial sem o apoio dos estados africanos envolvidos na Libéria prejudicaria a credibilidade de Obasanjo como líder regional africano” (Campbell 2011, p. 130). De fato, os colaboradores próximos de Obasanjo compartilhavam a visão de que colocar um ex-chefe de Estado Africano em um tribunal internacional criaria um precedente, o qual tornaria mais difícil contar com a saída voluntária de outros tiranos no futuro (Campbell 2011). Mais uma vez, o asilo de Taylor na Nigéria foi condenado dentro do país. Os críticos mais contundentes do movimento, na maioria membros do quarto estado do reino, ancoraram suas críticas na brutal ditadura de Taylor e nos horrendos abusos aos direitos humanos, incluindo o assassinato de dois jornalistas nigerianos em 1989, e sua acusação por crimes de guerra.

Outros críticos rotularam a Nigéria como um país que abriga criminosos de guerra (Oluyemi-Kusa, 2007). Sem rejeitar os argumentos dos críticos, George (2012, p. 403) sustentou que os interesses primordiais do povo da Libéria e até mesmo da sub-região eram prioridade, e que o governo da Nigéria ‘consideraria qualquer pedido de um governo democraticamente eleito, baseado nos desejos do povo da Libéria, para a extradição de Taylor’.

Além disso, o manejo do asilo de Taylor era um assunto de sério escrutínio, muito parecido com a oferta do próprio asilo. Os termos de seu exílio incluíam estrita conformidade com as leis da Nigéria; abstenção de participar de quaisquer atividades subversivas contra a Libéria e o país anfitrião; abster-se de participar das atividades políticas da Libéria enquanto estivesse em solo nigeriano; e desistir de instigar a intervenção militar na Libéria (George 2012). Taylor, no entanto, desconsiderou seus termos de exílio. Ocupava-se de atividades subversivas, trocando correspondências e mantendo linhas de comunicação com seus antigos assessores por meio de e-mails e telefonemas, fazendo com que os Estados Unidos tivessem que banir as viagens dos liberianos que agiam como mensageiros para Taylor. Ele também foi acusado de ajudar vários atores políticos que participariam das eleições na Libéria. Talvez ainda mais grave tenha sido a alegada tentativa de assassinato por parte de Taylor contra a vida do presidente Lansana Conte, da Guiné, um país vizinho que apoiou as forças rebeldes que, com sucesso, fizeram campanha contra o governo de Taylor (Lizza 2005).

Houve também a negligência que levou ao desaparecimento de Taylor antes de sua prisão final na fronteira entre a Nigéria e Camarões. Em defesa da Nigéria, no entanto, o presidente Obasanjo, enquanto interagiu com o presidente Bush no Salão Oval em 2006, discordou da teoria da negligência no manejo de Taylor por parte da Nigéria. Ele alegou que se a Nigéria foi negligente ou conivente com Taylor para permitir que ele escapasse do julgamento, então sua prisão não teria sido possível (Administração de George W. Bush 2006). Apesar da defesa do presidente Obasanjo, o oficial de segurança nigeriano responsável por Taylor disse ao Tribunal que a teoria da negligência era válida, afinal. Ele afirmou que as correspondências e telefonemas de Taylor não eram monitoradas. Ele também relatou que Taylor recebeu visitantes, e contrariamente à crença popular, Taylor não estava sob prisão domiciliar na Nigéria (Lizza 2005). A tentativa de fuga de Taylor da Nigéria ameaçou fraturar as relações diplomáticas entre o governo Obasanjo e a administração Bush nos EUA (Campbell 2011).

As Eleições pós-conflito

Além disso, a Nigéria desempenhou um papel decisivo no período que levou às eleições de 2005 pós-conflito na Libéria. O tema das eleições pós-conflito assumiu uma posição de importância na literatura acadêmica e nos meios políticos. O pensamento é de que as eleições pós-conflito são consideradas críticas para o processo de construção da paz em países devastados pela

guerra (Gambari 2005; Kieh 2011). No caso da Libéria, havia preocupações sobre o processo democrático e a condução real das eleições. Comentando essas preocupações, Sawyer (2008) observou que o ambiente pós-conflito na Libéria não favorecia a realização de eleições e que um programa sério de reconciliação e reformas constitucionais deveria ter precedido a realização das mesmas. Gambari (2005, p. 7) observou que os preparativos para as eleições não estavam apenas atrasados, havia também outras ameaças à estabilidade, como “a reintegração de ex-combatentes e refugiados, o desinteresse de jovens desempregados, funcionários do governo e leais a Taylor”, que “colocaram uma sombra escura sobre o resultado e o sucesso da eleição”. Como resultado, os preparativos para as eleições desencadearam outra rodada de crise entre os partidos políticos. Para enfrentar a crise, o presidente Obasanjo convidou os líderes do partido prejudicados à Abuja para um diálogo. Durante o segundo turno presidencial, Obasanjo mais uma vez enviou o general Abdulsallam Abubakar como mediador especial para aplacar a tensão (Alli 2012).

Outros Choques

Como dito a respeito da intervenção de paz na Libéria, houve uma série de problemas que podem ser identificados nos esforços do presidente Obasanjo. Primeiro, parecia que a intervenção da Nigéria poderia ser comparada à uma “hegemonia com pouco dinheiro”, porque o país carecia dos recursos militares e econômicos necessários para impor sua vontade à Libéria “sem apaziguar senhores da guerra locais e obter assistência logística externa” (Adebajo 2006, p. 17). Um fator importante responsável por isso foi o esgotamento dos recursos financeiros da Nigéria, como resultado de décadas de má governança e má gestão (Ogunsanwo 2016; Nwolise 2016), bem como a degeneração da capacidade militar do país, apesar de suas excelentes campanhas militares anteriores para promover a paz, continental e globalmente (Eke 2015).

Segundo, como resultado do ônus financeiro da Nigéria, o país estava ficando cauteloso com a manutenção da paz regional. Assim, antes da intervenção militar na Libéria, em agosto de 2003, o país “insistiu - como condição para a implantação - que a ONU assumisse a força três meses depois e enviasse tropas de outros países” (Adebajo 2006, p. 17). Devido à fraqueza econômica presente na Nigéria quando Obasanjo assumiu como presidente civil do país, sua administração esteve mais preocupada em reduzir os “compromissos externos da Nigéria e agir sempre que possível através de instituições multilaterais” (Lliffe 2011, p. 217).

Em terceiro lugar, conforme argumentado por Obi (2009), o reaquecimento das forças do ECOMOG como forças de paz da ONU, em 1997 de outubro de 2003, também deu origem a algumas questões. Embora a ideia de “soluções africanas para os problemas africanos” que também necessitavam da intervenção da Nigéria fosse louvável, a transferência da autoridade da ECOMIL para a UNMIL expôs as limitações e fraquezas de tal ideia na época. Os desafios logísticos e operacionais enfrentados pela ECOMIL significaram que a reatribuição de suas tropas à UNMIL era necessária, afinal. Para além de introduzir tropas africanas em novas doutrinas militares, capacidades e provisões logísticas, tal mudança poderia reduzir as forças da CEDEAO a ‘tocar o segundo violino’ para as forças de manutenção da paz da ONU, as quais sempre quiseram receber o crédito depois de as forças da CEDEAO terem feito o “trabalho sujo” (Obi 2009; Osuntokun 2016).

Em quarto lugar, apesar da política de tolerância zero das Nações Unidas sobre a exploração e abuso sexual pelos grupos de manutenção da paz, observou-se que vários desses grupos nigerianos continuavam envolvidos com tais práticas. Calculou-se que milhares de crianças nascidas de mulheres liberianas eram produto da exploração sexual. O número poderia ser mais impressionante, não fosse a subnotificação habitual de casos de abuso e exploração sexual (Butty 2015). Algumas forças de paz nigerianas também foram acusadas de corrupção, transações ilegais de diamantes, contrabando de drogas e outras atividades ilícitas (Em relação aos direitos de 2014).

Conclusão

Independentemente das críticas, Fawole (2016) argumentou que a restauração da paz na Libéria foi um produto da diplomacia de alto nível da Nigéria sob o governo do presidente Olusegun Obasanjo. Em termos dos principais esforços que levaram à restauração da paz, a Nigéria desempenhou os papéis primordiais. Primeiro, no que diz respeito ao envio de grupos de manutenção da paz, a Nigéria contribuiu com o maior número de tropas e indicou comandantes de missão. Militares nigerianos notáveis, como o Major General Festus Okonkwo, o Major-General Joseph Olorunmbon Owonibi e o Tenente-General Chikadibia, Isaac Obiakor, desempenharam cargos de comando nos teatros de operações sob as bandeiras da ECOMIL e da UNMIL. Em segundo lugar, o presidente Obasanjo desempenhou um papel importante ao convencer o Presidente Taylor (que era o locus da crise) a deixar o cargo e aceitar a oferta de asilo da Nigéria. A saída de Taylor do poder e a assinatura de um Acordo de Paz Global em 18 de agosto de 2003 puseram fim à crise no

país. Em terceiro lugar, a Nigéria desempenhou um papel louvável durante as eleições de 2005, pós-conflito na Libéria. O país empenhou recursos diplomáticos para assegurar o sucesso das eleições (que eram de importância crucial para uma paz sustentável na Libéria).

Líderes políticos pós-conflito da Libéria demonstraram sua gratidão à Nigéria. Após a nomeação de Gyude Bryant como presidente do Governo Nacional de Transição, em 21 de agosto de 2003, a Nigéria foi o primeiro país que visitou em sinal de reconhecimento e valorização do papel central que o presidente Obasanjo desempenhou no processo de paz (Alli 2012; George 2012). A ex-presidente imediata da Libéria - Sra. Ellen Johnson-Sirleaf - também reconheceu que a Nigéria exerceu função de grande destaque na restauração da paz na Libéria. Segundo ela, os liberianos ficaram impressionados e gratos pelos compromissos e sacrifícios da Nigéria durante todo o período de conflito no país (Ndidi 2017). Como os informantes-chave gostariam que aceitássemos, a intervenção bem-sucedida do presidente Obasanjo na Libéria poderia ser atribuída à seriedade, mão-de-obra, experiência militar e engenho diplomático da Nigéria, particularmente na sub-região da África Ocidental (Fawole 2016; Nwolise 2016; Osuntokun 2016; Shehu 2018).

REFERÊNCIAS

- Adebajo, A. (2006). *Prophets of Africa's renaissance: Nigeria and South Africa as regional hegemons*. Nigerian Institute of International Affairs (NIIA) Occasional Paper Series No. 3. Lagos: NIIA.
- Administration of George W. Bush (2006). *Remarks following discussions with President Olusegun Obasanjo of Nigeria*. Weekly compilation of Presidential documents, 29 March, 584-585.
- African Union (2004). *Report of the Chairperson of the Commission on the establishment of a continental peace and security architecture and the status of peace processes in Africa*. Solemn launching of the Peace and Security Council, 9th Session, 25 May, Addis Ababa, Ethiopia.
- African Leadership Magazine (2016). *Nigeria's peacekeeping efforts restored and sustained peace in Liberia – UN*. 30 March. Available from: africanleadership.co.uk/nigerias-peacekeeping-efforts-restored-and-sustained-peace-in-liberia-u-n/ (accessed 20 June 2017).
- Agbu, O. (2007). Nigeria: How to benefit maximally from peace support operations. In: A. Ogomudia, ed. *Peace support operations, command and professionalism: challenges for the Nigerian armed forces in the 21st century*.

ry and beyond. Ibadan: Gold Press Limited, 212-232.

- Ajayi, K. (2016). *Author's personal interview with Professor Kunle Ajayi*, Ekiti State University (EKSU), Ado-Ekiti, Ekiti State, 21 July.
- Akinboye, S. O. (2016). *Author's personal interview with Professor Solomon Akinboye*, University of Lagos, Lagos, 12 August.
- Akinterinwa, B.A. (2013). *Vie internationale contemporaine, 2007-2012: reflections on Nigeria in a pluriverse world of decline and incline. Volume one: Nigeria and the challenges of nation-building*. Lagos: NIIA.
- Akintola, A.L. (2007). The Nigerian navy participation in peace support operations since 1960. In: A. Ogomudia, ed. *Peace support operations, command and professionalism: challenges for the Nigerian armed forces in the 21st century and beyond*. Ibadan: Gold Press Limited, 68-87.
- Alli, W.O. (2012). *The role of Nigeria in regional security policy*. Abuja, Nigeria: Friedrich-Ebert-Stiftung.
- BBC News (2003). *The perils of Liberian peacekeeping*. August 4. Available from: [News.bbc.co.uk/1/hi/world/africa/3113009.stm](http://news.bbc.co.uk/1/hi/world/africa/3113009.stm) (accessed 20 June 2017).
- Boas, M. (2014). 'Hunting ghosts of a difficult past': the International Crisis Group and the production of 'crisis knowledge' in the Mano River Basin wars. *Third World Quarterly*, 35(4), 652-668.
- Butty, J. (2015). UN peacekeepers in Liberia accused of buying sex. *VOA News*, June 12. Available from: <https://www.voanews.com/a/alleged-sex-buying-by-un-peacekeepers/2818895.html> (accessed 20 June 2017).
- Call, C.T. (2010). Liberia's war recurrence: grievance over greed. *Civil Wars*, 12(4), 347-369.
- Campbell, J. (2011). *Nigeria dancing on the brink*. New York: Rowman and Littlefield Publishers, Inc.
- CNN International (2003). *UN votes to send peacekeepers to Liberia*. 2 August. Available from: edition.cnn.com/2003/WORLD/africa/08/01/un.liberia/index.html (accessed 20 June 2017).
- Dukule, A.W. (2005). Nigeria Obasanjo hijacks Liberia elections. *The Perspective*, August 8. Atlanta, Georgia. Available from: www.theperspective.org/articles/0808200501.html (accessed 20 June 2017).
- Eke, S.J. (2015). Why this charity begins abroad: comparing Nigeria's peacekeeping undertakings and domestic counter-insurgency operations. *The Round Table*, 104(3), 281-296.
- Fawole, W.A. (2000). Obasanjo's foreign policy under democratic rule: Nigeria's return to global reckoning? *Nigerian Journal of International*

- Affairs*, 26(2), 20-40.
- Fawole, W. A. (2016). *Author's personal interview with Professor Alade Fawole*, Obafemi Awolowo University (OAU), Ife, Osun State, 7 July.
- Gambari, I.A. (2005). *Building peace in Liberia: tough assignment or a lost cause?* Welcome and keynote remarks at the School of International and Public Affairs (SIPA), Columbia University, New York, 8 April.
- Gbor, J.W.T. (2007). The Nigerian army in peace support operations since 1960. In: A. Ogomudia, ed. *Peace support operations, command and professionalism: challenges for the Nigerian armed forces in the 21st century and beyond*. Ibadan: Gold Press Limited, 60-67.
- George, O.O. (2012). *From rookie to mandarin: the memoirs of a second generation diplomat*. Ibadan: Bolytag International Publishers.
- Independent Online (1999). *Nigeria spent R48-billion in Liberia*. Monday October 25. Available from: <https://www.iol.co.za/news/africa/nigeria-spent-r48-billion-in-liberia-17435> (accessed 20 June 2017).
- Johnson Sirleaf, E. (1991). The causes and consequences of the Liberian civil war. *International Review*, Spring, 32-35.
- Kieh, G.K. (2009). The roots of the second Liberian civil war. *International Journal of World Peace*, XXVI(1), 7-30.
- Kieh, G.K. (2011). Warlords, politicians and the post-first civil war election in Liberia. *African and Asian Studies*, 10, 83-99.
- Kieh, G.K. (2012). Neo-colonialism: American foreign policy and the first Liberian civil war. *The Journal of Pan African Studies*, 5(1), 164-184.
- Lewu, J.J. (2018). *Author's personal interview with Ambassador Jaiyeola Joseph Lewu*, Kabba, Kogi State, 5 August.
- Lizza, R. (2005). White House Watch: Charles at large. *The New Republic*, 25 April.
- Lliffe, J. (2011). *Obasanjo, Nigeria and the world*. USA: Boydell and Brewer Inc.
- Morgan, H. (2003). Peacekeeping, Nigeria's style: bad company. *The New Republic*, 18 & 25 August.
- Munive, J. (2011). A political economic history of the Liberian state, forced labour and armed mobilization. *Journal of Agrarian Change*, 11(3), 357-376.
- Musa, S. (2010). Nigeria in international peacekeeping. In: O.C. Eze, ed. *Beyond fifty years of Nigeria's foreign policy: issues, challenges and prospects*. Lagos: NIIA, 293-310.
- Nwolise, O.B.C. (2007). Peace support missions as means to six ends: But

what benefits for Nigeria since 1960? In: A. Ogomudia, ed. *Peace support operations, command and professionalism: challenges for the Nigerian armed forces in the 21st century and beyond*. Ibadan: Gold Press Limited, 200-211.

Nwolise, O.B.C. (2016). *Author's personal interview with Professor Osisioma Nwolise*, University of Port Harcourt, Rivers State, 28 June.

Ndidi, O. (2017). Nigeria played major role in Liberia's peace – Sirleaf. *The Nation*, 10 November. Available from: [thenationonlineng.net/Nigeria-played-major-role-liberias-peace-sirleaf/](http://thenationonlineng.net/nigeria-played-major-role-liberias-peace-sirleaf/) (accessed 22 October 2018).

Obasanjo, O. (1999). *Statement by His Excellency President Olusegun Obasanjo*. Speech presented at the consultative meeting on Conference on Security, Stability, Development and Cooperation in Africa (CSSDCA), Abuja, 28 August.

Obasanjo, O. (2000a). "The global millennium challenge". Address by President Olusegun Obasanjo at the UN Millennium Summit, New York, 8 September.

Obasanjo, O. (2000b). *Peace, security and development*. Speech by President Olusegun Obasanjo at the 36th Ordinary Summit of the Organization of African Unity, Lome, Togo, 25 September.

Obasanjo, O. (2004). *Acceptance speech by His Excellency, President Olusegun Obasanjo*. Speech presented on his election as the Chairman of the African Union, 6 July.

Obasanjo, O. (2006). *History will remember us for Opting for Peace*. Address by his Excellency, President Olusegun Obasanjo on the celebration of peace and the Presidential parade to formally mark the withdrawal of Nigeria armed forces from the Bakassi Peninsula, 21 August.

Obasanjo, O. (2007). Foreword. In: A. Ogomudia, ed. *Peace support operations, command and professionalism: challenges for the Nigerian armed forces in the 21st century and beyond*. Ibadan: Gold Press Limited, xvii-xviii.

Obi, C.I. (2009). Economic Community of West African States on the ground: Comparing peacekeeping in Liberia, Sierra Leone, Guinea Bissau, and Cote d'Ivoire. *African Security*, 2, 119-135.

Ogunsanwo, A. (2016). *Author's personal interview with Ambassador (Professor) Alaba Ogunsanwo*, Lead City University, Ibadan, Oyo State, September 8.

Oluyemi-Kusa, D. (2007). Sacrifices of the Nigerian nation and armed forces in peace missions since 1960. In: A. Ogomudia, ed. *Peace support op-*

- erations, command and professionalism: challenges for the Nigerian armed forces in the 21st century and beyond*. Ibadan: Gold Press Limited, 137-163.
- Oshewolo, S. (2018). Nigeria's peace interventions in Sao Tome and Principe and the Republic of Togo under President Olusegun Obasanjo. *African Identities*, 1-13. DOI: 10.1080/14725843.2018.1467750.
- Osuntokun, A. (2016). *Author's personal interview with Ambassador (Professor) Akinjide Osuntokun*, Ilorin, Kwara State, June 12.
- Regarding Rights (2014). *Tainted UN peacekeepers: reportage from the ground*. 29 August. Available from: <http://asiapacific.anu.edu.au/regarding-rights/2014/08/29/tainted-un-peacekeepers-reportage-from-the-ground/> (accessed 20 June 2017).
- Sawyer, A. (2008). Emerging patterns in Liberia's post-conflict politics: observations from the 2005 elections. *African Affairs*, 107(427), 177-199.
- Shehu, S.G. (2018). *Author's personal interview with retired Captain Sadeeq Garba Shehu*, 26 July.
- The Liberian Connection, (nd). *Who's who of the peacekeeping effort in Liberia*. Monrovia, Liberia: The Liberian Connection (TLC) Africa Internet Magazine. Retrieved from www.tlcafrica.com/unmil.htm
- The Perspective (2002). *ULAA's report on Abuja peace and reconciliation conference*. 29 March. Available from: www.theperspective.org/ulaareport.html (accessed 20 June 2017).
- The Perspective (2003). *Profile of ECOMIL force commander Festus Okechukwu Okonkwo*. 25 September. Available from: www.theperspective.org/inquirer/festusokonkwo.html (accessed 20 June 2017).
- Saliu, H.A. & Oshewolo, S. (2018). "Nigeria in African affairs: hegemonic and altruistic considerations". *The Round Table*, 107(3), 291-305. DOI: 10.1080/00358533.2018.1476095.
- Uba, S.Z. (2016). *An appraisal of Nigeria's participation in UNMIL peacekeeping*. A paper presented at the Ministry of Defence Nigeria peace support operations seminar, National Defence College, Abuja, 12-16 June.
- United Nations (2005). *Secretary-General appoints Lieutenant-General Joseph Owonibi (Nigeria) as force commander of the United Nations mission in Liberia*. United Nations meeting coverage and press releases, January 12. Available from: <https://www.un.org/press/en/2005/sga902.doc.htm> (accessed 20 June 2017).
- United Nations Security Council (2003a). *Security Council Resolution 1497 (2003) (On the situation in Liberia)*. 1 August. Available from: <http://>

www.refworld.org/docid/3f45dbec7.html (accessed 20 June 2017).

United Nations Security Council (2003b). *Security Council Resolution 1509 (2003) (On establishment of UNMIL)*. 19 September. Available from: <http://www.refworld.org/docid/3f8d304d4.html> (accessed 20 June 2017).

United Nations Mission in Liberia (UNMIL) (2015). *Military*. Available from: <https://unmil.unmissions.org/military-0> (accessed 22 October 2018).

Yoroms, G. (2005). The second Liberian peace process and the problem of post-conflict peace building in West Africa: some contending issues and interests. *IFRA Special Research Issue*, 1, 79-92.

RESUMO

Embora as operações de paz tenham sido um importante instrumento da política externa da Nigéria, continental e globalmente, este estudo analisou as campanhas de paz do país na Libéria sob o presidente Olusegun Obasanjo. O artigo observou, *inter alia*, que os esforços de paz de Obasanjo na Libéria foram influenciados pelo reconhecimento da Nigéria como ator principal nas tentativas de estabilização na região. Embora houvessem alguns empecilhos, as campanhas de paz da Nigéria na Libéria foram bem sucedidas, conforme apontado pelas fontes de dados. As principais realizações da Nigéria incluíram a eventual assinatura de um abrangente acordo de paz em 2003, o qual pôs fim à carnificina no país, bem com a oferta de asilo a Taylor e as eleições de 2005, pós-conflito. Essas conquistas podem ser atribuídas à seriedade do presidente Obasanjo e à eficiente engenharia diplomática da Nigéria na sub-região da África Ocidental. Para chegar a essa conclusão, o trabalho adotou fontes de dados secundários e a técnica de entrevista para fins de coleta de dados e análise temática descritiva.

PALAVRAS-CHAVE

Manutenção da Paz; Mediação; Presidente Obasanjo; Nigéria; Libéria; África.

Recebido em 24 de novembro de 2018.

Aprovado em 15 de fevereiro de 2019.

Traduzido por Gabriela Ruchel